



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Povos de Terreiros e construção do conhecimento agroecológico: notas para um debate

Terreiro people and construction of agroecological knowledge: notes for a debate

SILVA, José Nunes da; TAVARES DE LIMA, Jorge Roberto

UFRPE, zenunes13@yahoo.com.br; UFRPE, jorgetvs@hotmail.com

Tema Gerador: Construção do conhecimento agroecológico

Resumo

Desde a chegada dos negros escravizados ao Brasil inegavelmente a história desta população é uma história de lutas e resistências. Como resultados destes processos de lutas e resistências os afrodescendentes conseguiram proteger e construir rico patrimônio imaterial que até os dias atuais marca a diversidade da sociedade brasileira. Dentre as diferentes dimensões deste patrimônio protegido pelo povo negro este artigo buscará compreender, a partir de uma revisão bibliográfica e observação participante¹, como estas populações mantiveram suas tradições religiosas, atualmente designadas como religiões de matriz africana, e como os elementos fundantes de tais religiões podem colaborar com a construção do conhecimento agroecológico no Brasil.

Palavras-chaves: espiritualidade; religiosidade; natureza.

Abstract

Since the arrival of blacks enslaved to Brazil, undeniably the history of this population is a history of struggles and resistance. As a result of these processes of struggle and resistance Afro-descendants managed to protect and build rich immaterial patrimony that until today marks the diversity of Brazilian society. Among the different dimensions of this patrimony protected by the black people this article will try to understand, from a bibliographical review and participant observation², how these populations maintained their religious traditions, currently denominated like African religions, and how the founding elements of such religions can Collaborate with the construction of agroecological knowledge in Brazil.

Keywords: spirituality; Religiosity; nature.

Introdução

Um amplo debate no campo da agroecologia (aqui entendida como ciência-prática e movimento) aponta que um dos grandes problemas da humanidade na atualidade está relacionado a uma crise civilizatória, da qual gostaríamos de destacar, ao menos, duas dimensões, uma de valores éticos e a uma outra ambiental. Estas duas dimensões estão intrinsecamente articuladas e têm relação direta com as formas que os indivíduos compreendem o mundo e, conseqüentemente, se veem nele.

1 Realizada pelo primeiro autor, a partir de vivência cotidiana no Ilê Asê Ogun ati Oyá GBa Mi (Recife-PE).



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Nesse debate é importante destacar que a forma hegemônica de compreender o mundo, oriunda de uma perspectiva eurocêntrica e colonialista, agrava, sobretudo nas sociedades capitalistas, ambas dimensões citadas. No tocante aos valores éticos os sustentáculos das sociedades capitalistas são a competitividade, o lucro a qualquer custo, a desumanização. Para satisfazer tais valores a natureza passa a ser enxergada, nessa compreensão de mundo, apenas como recurso, a ser explorado, inexoravelmente. O mais grave desta realidade é que nessa escala alucinada pelo lucro, os humanos se sentem a parte desta natureza que exploram, desconsiderando as consequências catastróficas, que já começam a acontecer em todo planeta (derretimento das calotas polares, tsunamis, aumento ou queda das temperaturas em diferentes regiões do mundo, etc.).

Pensar perspectivas mais sustentáveis de vida no planeta e buscar construir outros conhecimentos que deem suporte a diferentes processos transitórios são tarefas desafiadoras para a Agroecologia. No entanto para realizar estas tarefas, um questionamento torna-se imprescindível: Quais serão os sujeitos da construção deste novo conhecimento, adjetivado de agroecológico. Neste artigo partimos da premissa que povos tradicionais e camponeses têm lugar central nessa construção. Dentre os povos tradicionais, analisando mais detidamente os povos de terreiro observamos que as cosmovisões herdadas das diferentes regiões da África guardam em comum uma compreensão de humano como parte da natureza e natureza como algo divino, que pode nos orientar como ponto de partida para amplos processos de (re)ligação. É essa relação com a natureza divinizada que vai delinear o *ethos* dos Povos de Terreiros, espalhados pelos muitos candomblés pelo Brasil.

Povos de Terreiros, Candomblés: pluralidade de origem e culto

É importante destacar o significado do uso da palavra Povos de Terreiros e Candomblés no plural, pois como chama a atenção Nascimento (2016)

Há uma variedade grande de práticas de matrizes africanas que poderiam, através de rápidas generalizações, ser chamada de “candomblé”. Isso se deve ao fato de que, historicamente, os candomblés, no Brasil, nascem da articulação de diversas práticas e crenças que se originaram de locais diversos do continente africano. É comum utilizar-se da expressão “nação do candomblé”, como marcador que busca apontar a predominância de um local de origem das práticas. Há várias “nações”; entre elas, as mais conhecidas e praticadas são *Ketu, Angola e Jeje*, designando que, na organização das práticas predominam, respectivamente, elementos advindos das regiões iorubás de Ketou, no atual Benin com influências iorubás de outros lugares da Nigéria;



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



das regiões bantas de Ngola, compreendendo as regiões dos atuais Angola e Congo e das regiões ewé-fons do Antigo Dahomé, atual Benin e Togo (SERRA, 1995). Essas diferentes predominâncias fazem com que determinadas ações, visões de mundo e valores se modifiquem no interior dos candomblés, fazendo com que não se possa, sem complicações, simplesmente homogeneizá-los como uma “única” prática com nomes diferentes. Desse modo, qualquer generalização deverá ser feita com bastante cuidado para não cometermos erros de aproximação.

Guardadas as especificidades de cada nação, é possível destacar que em tais religiões os cultos são prestados à natureza, que na mitologia que fundamenta a tradição ketu, acredita-se que Olodumaré (Deus supremo) delegou domínios para cada “partícula” da força vital que rege o mundo. Nos termos de Botelho e Nascimento (2010):

O “culto” é prestado à natureza e aos ancestrais, que ora aparecem na forma de nossos “mortos”, que compõem a comunidade, ora às “divindades” que recebem os nomes de *Orixás*, nos candomblés de origem iorubá, *Inquices*, nos candomblés de origem banta e *Voduns*, nos candomblés de origem ewé-fon (dahomeana). Estas figuras representam – e são responsáveis – ora por uma força da natureza, ora por um fenômeno da experiência humana. Elenco as dezesseis mais conhecidas no Brasil, seguindo a ordem de apresentação dos panteões iorubanos, bantos e jejes e que aparecem ligados com as mais conhecidas abordagens sobre tais divindades: **Exu** – Njila – Elegbara: fogo, chão, comunicação; **Ogum** – Nkosi – Gu: ferro, tecnologia, guerra; **Oxóssi** – Mutalambô – Otolu: matas – caça/alimentação; **Ossãe** – Katendê – Agué: folhas, cura; **Omólú** – Kavungu – Sapatá: terra, saúde; **Nanã** – Nzumba – Nãburuku: lama, morte; **Oxumaré** – Angorô – Bessém: chuva, arco-íris, movimento; **Iroko** – Kindembu – Lokô: estações do ano, temporalidade; **Xangô** – Nzazi – Heviosô: pedras, trovões, justiça; **Oyá** (Iansã) – Matamba – Jó: vento, impetuosidade; **Oxum** – Ndandalunda – Aziri: águas doces, fertilidade; **Logun-Edé** – Telekompensu – Averekwete: lagos, pesca, jovialidade; **Iemanjá** – Mikaiá – Naetê: águas salgadas, organização, maternidade; **Ibeji** – Vunji – Tokén: gêmeos, diversão; **Oxaguiã** – Nkasuté – Lisa: frio, ponderação; **Oxalufã** – Lembá – Lisá: ar, paz.(grifo nosso)

Na medida em que águas, matas, terra, ventos, plantas (folhas), metais/minerais, chuvas, pedras, bem como características humanas como fertilidade, justiça, ponderação, jovialidade estão regidas pelas divindades, os Povos de Terreiros (re)definem suas relações com tais espaços, buscando sua preservação, a partir da atribuição de significado de vida para os mesmos. Essa **forma de compreender e se relacionar com esses espaços naturais** pode ser considerada uma contribuição importante para o conhecimento agroecológico, a partir das vivências dos Povos de Terreiros.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



Uma outra característica rica da vivência dos Povos de Terreiro e que enfrenta diretamente a sociedade capitalista hegemônica responsável pela crise civilizatória citada anteriormente é a **noção indiscutível de comunidade**. Nos terreiros a lógica de funcionamento é comunitária. Reconstrói-se nesses locais uma reprodução da estrutura familiar, daí a designação comumente utilizada de mãe, pai, filho/a, irmã/irmão “de santo”. Pensar nesta lógica pressupõe fortalecer laços fraternais de solidariedade, confiança e ajuda mútua. Esses laços são carnisais, mas também espirituais. Como afirma Nascimento (2016)

Os orixás, voduns e inquices são membros da comunidade e não *divindades separadas*. Por isso, dependem da comunidade como todas as outras componentes e, como todos/as, têm funções a desempenhar. Os mortos também são parte da comunidade e assim como os orixás, voduns e inquices, têm funções na mesma, comem e festejam com ela. Este aspecto está ligado com a cosmologia que não pensa a pluralidade de mundos. Há um mundo só e todos estão presentes, de modos diferentes, nesse mesmo mundo. E o mundo é repleto de comunidades familiares distintas, mas relacionadas. Utilizando a distinção de Eduardo Viveiros de Castro (2011, p. 375), o mundo, na cosmologia africana que se mostra nos candomblés, é *antropomórfico* e não *antropocêntrico*. Isso implica uma herança da cosmologia africana que expande a noção de humanidade a todos os elementos da natureza, embora hierarquizando o modo como a noção se aplica a animais humanos, não humanos e seres que chamamos no vocabulário ocidental de “inanimados”.

Nessa compreensão de um só mundo, onde todos os seres se comunicam e têm papéis distintos atribuídos, **as folhas têm um lugar central**. Elas estão presentes na quase totalidade dos rituais e liturgias, levando a um ensinamento fundante nos Terreiros que é: “Kosi ewe, kosi orisá”, que significa “sem folha não tem orixá”. O **uso das folhas nos terreiros traz dois aspectos importantes que podem fortalecer um diálogo com a construção do conhecimento agroecológico**.

O primeiro aspecto está na busca por compreender, a partir da partilha com a Fitoterapia/homeopatia, o duplo uso para certas espécies vegetais, que, poderíamos dizer, curam o corpo e o espírito, são ervas de poder. Como explica Barros e Napoleão (1999:19)

Nossa pesquisa sobre o uso litúrgico e terapêutico dos vegetais em casas de candomblé de origem jêje-nagô apontou para importância fundamental das plantas enquanto elementos imprescindíveis às práticas religiosas afro-brasileiras, ao mesmo tempo em que evidenciou-se uma medicina alternativa destinada a promover o bem estar físico e



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



social dos participantes do terreiro. Tal importância dos vegetais nos cultos dos orixás, voduns e inquices implica em cuidados especiais. As ‘folhas’ ou ‘ervas’ (...) devem ser coletadas através de um ritual complexo, sem o qual perdem sua razão de ser, seu àse (poder).

O segundo aspecto diz respeito a capacidade de adaptação demonstrada pelos negros ao chegarem ao Brasil, substituindo espécies ritualísticas não encontradas aqui, por outras com características semelhantes e, conseqüentemente, mesmos princípios ativos. Esse conhecimento guardado e desenvolvido, sobretudo, pelos mais antigos, base da tradição das religiões afro-brasileiras e nos Bábálosányín/Olosányi (Sacerdotes do culto ao orixá Ossãe), são fundamentais para construir uma saída para uma sociedade quimicamente ‘medicalizada’ e dopada. Estes saberes africanos trazidos e adaptados no Brasil se encontram com vasto conhecimento sobre plantas dos Povos Indígenas que aqui viviam e, no campo das religiões de matriz afro-indígena tal riqueza se expressa no culto da Jurema Sagrada, bastante vivo em estados como Paraíba e Pernambuco. Por outro lado, se pensarmos nos aspectos produtivos das agriculturas de base ecológicas tais conhecimentos dos Povos de Terreiros e Indígenas sobre as plantas, podem oferecer ricas trocas para a formulação de preparados/formulações para vários fins nos diferentes manejos de agroecossistemas.

Uma outra questão que os Povos de Terreiros trazem para a problematização e, conseqüentemente, o avanço da produção do conhecimento agroecológico é a **noção do corpo como sagrado**. Essa noção está ligada a compreensão do corpo como canal para vivificação do orixá/Inkice/Vodun. Por meio do transe o corpo da iniciada/iniciado funciona como suporte da energia divinizada. Neste sentido este corpo não pode ser qualquer corpo. Cuidado de qualquer forma. Que coma qualquer coisa. Daí os Povos de Terreiros apresentam-se na atualidade como fortes parceiros da Agroecologia no debate e enfrentamento do uso dos agrotóxicos e transgênicos. Nas comunidades de Terreiros os alimentos são tudo. São parte do sagrado e isso leva a uma forte reflexão: Se eu não como envenenado, como darei para meu orixá? Essa reflexão pode remontar os tempos históricos dos primeiros terreiros do Brasil, denominados de “roças”, num sentido próximo aos roçados, pois ali de forma comunitária, produzia-se em busca do autosustento, dos vivos e divindades.

Por fim, não menos importante, embora não exista registro de nenhuma sociedade matriarcal institucionalizada para reger a vida nos Candomblés, **grandes e históricas casas de culto das religiões afro-brasileiras são lideradas por mulheres fortes e sábias**. Como nos fala Mariano (2017):



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



“Na África, as mulheres iorubás participavam do conselho dos ministros, tinham organizações próprias e chegaram a liderar um intenso comércio que incluía rotas internacionais. Foi por isso que, na Bahia do início do século XIX, elas conseguiram o que parecia impossível: deram à luz uma organização religiosa que conciliava tradições de diferentes povos, resistindo à exploração da escravidão e à perseguição policial. No candomblé, com diplomacia, inteligência e fé, elas reuniram todos os elementos necessários para garantir ânimo e auto-estima ao seu povo. O título que receberam expressa bem o misto de liderança religiosa, chefia política e poder terapêutico que exercem: mães-de-santo (...) A liderança feminina nessa tradição religiosa, explica Maria Stella de Azevedo, a Mãe Stella de Oxóssi do Ilê Axé Opô Afonjá, vem de um fato simples. As pioneiras do candomblé, princesas africanas que vieram para a Bahia em fins do século XVIII, criaram o princípio de que as suas casas religiosas só poderiam ser lideradas por mulheres. Uma tradição mantida até hoje nos terreiros mais antigos, como a Casa Branca, o Alaketu, o Gantois, o Afonjá e o Cobre”.

Esse protagonismo feminino vem reverberando fortemente também na construção do conhecimento agroecológico. Nesta construção as mulheres apresentam característica que marcadamente lhes guarda lugares de representação política, ao mesmo tempo em que são guardiãs de sementes e ervas medicinais e vêm, cada vez mais rediscutindo o trabalho doméstico, como parte do trabalho na unidade produtiva, rompendo tabus, redesenhando quintais produtivos. Em que medida as Mães de Santo, senhoras de poder e fé, têm a contribuir com o empoderamento das mulheres que constroem o conhecimento agroecológico? Em nosso entendimento esse é um rico diálogo em aberto que trará grandes aprendizados.

Para não concluir...

Diante do conjunto de questões apresentadas ao longo do texto é possível concluir que os Povos de Terreiros são sujeitos centrais para a construção do conhecimento agroecológico. A característica central de sua cosmovisão que é central para a superação da crise civilizatória que enfrentamos é a noção de humanidade como parte da natureza e natureza como divinizada. Nessa compreensão todos os seres que habitam a terra são partes de um só mundo e nele têm, apenas, funções/missões distintas. A forma particular de se (re)ligar aos espaços naturais; a centralidade da comunidade, como lócus da vivência religiosa e socializante; o lugar central da folhas nos rituais e na vida; a compreensão do corpo como sagrado (somos o que comemos!) e o reconhecimento



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO
X CONGRESSO BRASILEIRO
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO
12-15 SETEMBRO 2017
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 5

Construção do Conhecimento Agroecológico



do papel das mulheres na construção das (re)existências, são conhecimentos/práticas/vivências dos Povos de Terreiros que para nós são centrais para o avanço da construção do conhecimento agroecológico. Laroyê²!

Referências bibliográficas

BARROS, José Flávio Pessoa de. NAPOLEÃO, Eduardo. **Ewè Òrisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas Casas de Candomblé Jêje-Nagô**. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1999, 514p.

BOTELHO, Denise. NASCIMENTO, Wanderson Flor. Educação e religiosidades afro-brasileiras: a experiência dos candomblés. *Revista Participação/UnB*, 2010, p:74-82.

MARIANO, Agnes. **Mães de santo: o matriarcado no candomblé**. 2011. Disponível em: <<http://iyalorisaelainetiosun.blogspot.com.br/2011/05/maes-de-santo-o-matriarcado-no-candomble.html/>>. Acesso em: 05 de abril de 2017.

NASCIMENTO, Wanderson Flor. Sobre os candomblés como modo de vida: Imagens filosóficas entre Áfricas e Brasis. *Ensaio Filosóficos, Volume XIII – Agosto/2016*, p:153-170.

2 Saudação ao Orixá Esù, senhor da comunicação e caminhos.